

Due poesie in portoghese ed italiano da una recente raccolta

Álvaro Santo

21. Esta é a minha cidade

Esta é a minha terra
aqui nasci
mesmo que os ventos mornos do norte se
levantem
mostrando os músculos
invocando
a minha negação

Aqui nasci
e esta é a minha terra
mesmo que este destino
cinzento
me bata na cara
as portas da minha cidade

Esta é a minha terra
que o digam ou não os
oceanos
que oensem ou não as montanhas
que o reconheçam ou não
as areias do deserto

Querem-me negar
o ar que respiro
Querem-me impor
deuses alheios
Querem-me arrancar o ser
pela garganta
Querem-me despir
das categorias do meu ser
encravando-me
naqueles séculos que geraram as minhas raízes

**O meu canto
de pedra**

**Il mio canto di
pietra**

La Caravella
editrice, Viterbo,
2013

21. Questa è la mia città

Questa
è la mia terra
sono nato qui
anche se i venti tiepidi del nord si alzano
mostrando i muscoli
invocando
la mia negazione

Sono nato qui
e questa è la mia terra anche se questo destino
grigio
mi chiude in faccia
le porte della mia città

Questa è la mia terra
che lo dicano o no gli oceani
che lo pensino o no le montagne
che lo riconoscano o no
le sabbie del deserto

Mi vogliono negare l'aria che respiro

Mi vogliono imporre
dèi estranei
Mi vogliono strappare
l'essere dalla gola
Mi vogliono spogliare
delle categorie del mio essere
inchiodandomi
in quei secoli che hanno generato le mie radici

Dizem-me
que não sou
que não pertenço aos muros desta cidade
que sou filho distante
de outros povos
que o meu sangue não é azul

Arrancam-me
com alicates
as palavras dos lábios
Obrigam-me a apanhar um voo estranho
rumo ao nada
rumo ao ignoto ...

Mas esta é a minha cidade
mesmo se a noite
é ainda escura
e os filhos da noite
ranjam os dentes contra mim

Esta é a minha cidade
hei-de defendê-la
dos olhares malignos

Será
um dia
primavera!

(dedicada aos filhos dos imigrantes nascidos na
Itália).

Mi dicono che non sono
che non appartengo alle mura di questa città
che sono figlio lontano
di altri popoli
che il mio sangue non è blu

Mi strappano con le mani
le parole dalle labbra
Mi costringono a prendere un volo estraneo
verso il nulla
verso l'ignoto ...

Ma questa è la mia città
anche se la notte
è ancora buia
e i figli della notte
stridono i denti contro di me

Questa è la mia città
la difenderò
dagli sguardi maligni

Un giorno
sarà primavera!

(dedicata ai figli degli immigrati nati in Italia)

35. Volto a casa

Volto a casa
à minha Pátria
Nação
volto aos ardores do meu batuque
que volta a entoar na alma
a antiga
e sempre nova canção

Volto à casa
construída muitos
muitos
muitos anos atrás
pelo suor da pele dos meus antepassados

Volto a desfolhar
os meus tenros anos
volto a remendar os meus desejos
dispersos
por um sopro vindo do infinito
Volto a abraçar
os ventos que assistiram ao meu parto
e ofereceram estrelas
aos seios da mãe terra
que me amamentou com os seus verdes néctares

Volto aos séculos
que deram nome aos meus respiros
vigor aos meus sonhos
cor aos meus dias
e nas noites de luar
abraçaram
as longas ondas da minha eterna solidão

Volto a abraçar
os esqueletos da saudade
dos dias emudecidos
das ondas ocas não cavalgadas
dos rumos magros não seguidos
volto a recolher
os palmos de cada desejo
na eterna poesia de amor
escrita nas nuvens
com as rosas da alma
Mas quando voltar
hei-de encontrar-me?

35. Torno a casa

Torno a casa alla mia Patria nazione
torno agli ardori del mio tamburo
che torna a
rimbombare nell'anima l'antica
e sempre nuova canzone.

Torno a casa
costruita tanti
tanti
tanti anni fa
con il sudore della pelle dei miei antenati

Torno a sfogliare
i miei teneri anni
Torno a rammendare i miei desideri
dispersi
da un soffio venuto dall'infinito
torno ad abbracciare
i venti che hanno assistito al mio parto
e hanno offerto le stelle
ai seni della madre terra
che mi ha allattato con i suoi verdi nettari

Torno ai secoli
che hanno dato nome ai miei respiros
vigore ai miei sogni
colore ai miei giorni
e nelle notti di luna
hanno abbracciato
le lunghe onde della mia eterna solitudine

Torno ad abbracciare
gli scheletri della nostalgia
dei giorni ammutoliti
delle onde vuote non cavalcate
dei sentieri magri non seguiti
torno a raccogliere
i palmi di ogni desiderio
nell'eterna poesia d'amore
scritta sulle nubi
con le rose dell' anima
Ma quando tornerò
mi ritroverò?

Quão calorosos
serão ainda
os ventos das minhas aldeias?
Quão verde
será ainda
o sangue que me escorre nas veias?
Que ninhos
os séculos hão de oferecer-me
para depor os ovos
despontados da alma?

Encontrarei ainda erguidos
os muros da minha cidade?
Encontrarei
ainda firmes
as torres da minha imaginação?
Encontrarei
ainda vivas
as correntes das minhas aspirações?

Terei ainda
um lugar
à sombra da bananeira?
Terei ainda
um sonho
para oferecer aos filhos da lua?

Sinto-me arrastar
por uma onda órfã
sinto-me atrair
por uma voz tímida
mansinha
que sussurra na alma as letras do meu nome

Volto a casa
mas não me perguntem como hei de lá ir
ó planetas
não insistam em saber
quando hei de lá ir
ó vós desertos
calai-vos ó montes
montanhas
rios e oceanos
não dizei nada
deixai-me em paz ó vós florestas

Quanto calorosi
saranno ancora
i venti dei miei villaggi?
Quanto verde
sarà ancora
il sangue che mi scorre nelle vene?
Che nidi
i secoli mi offriranno
per deporre le uova
nate dall' anima?

Troverò
ancora erette le mura della mia città?
Troverò
ancora fermi
le torri della mia immaginazione?
Troverò
ancora vive
le correnti delle mie aspirazioni?

Avrò ancora un posto
all'ombra del banano?
Avrò ancora
un sogno
da offrire ai figli della luna?

Mi sento trascinare
da un'onda orfana
mi sento attrarre
da una voce timida
soave
che sussurra nell' anima le lettere del mio nome

Torno a casa
ma non domandatemi come ci andrò
o pianeti
non insistete nel sapere
quando ci andrò
o voi deserti
zittitevi voi monti
montagne
fiumi e oceani
non dite nulla
lasciatemi in pace o voi foreste

Volto à casa
construída muitos
muitos
muitos anos atrás
pelo suor da pele dos meus antepassados

Quando regressar
será ainda primavera?

(o todos os que deixaram a própria terra)

Torno a casa
Costruita tanti
Tanti
Tanti anni fa
Con il sudore della pelle dei miei antenati

Quando tornerò
Sarà ancora primavera?

(a tutti quelli che hanno lasciato la propria terra)